

Semanário de
Actualidades e Reportagens
N.º 125 — ANO III

Preço 1 Escudo

REPORTAGEM

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NÚMERO: — Homens e Factos do Dia — Uma reportagem à República Espanhola — O crime da Pôça das Feiticeiras — Um crime hediondo — Cinzas da Rússia Czarista — Sacerdotisas de Vénus — Vidas Novelêscas — Tranquibérnias na Assistência de Espinho — Casas de Mistério — Folheando antiguidades — Ronda semanal, etc.



O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E
 : : : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :
 GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS
 : ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS :
 Sai às sextas-feiras e é pôsto à venda
 simultaneamente em todo o país

N.º 125 — ANO III
 Sexta-feira, 2 de Junho de 1933
 REDACTORES NO PÓRTO
 Reinaldo Ferreira (Repórter X)
 Fernando Cal
 J. Vieira Alves
 Hugo Rocha
 Guido Severo
 Santos Pereira

Propriedade de EDIÇÕES X LIMITADA

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
 (REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
 Rua Sampaio Bruno, 12-5.º
 PORTO

Comp. e Imp. na Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, Campo Mártires da Pátria, 144-A—Pôrto

3 meses — série de 12 números Esc. 11\$50
 6 » — » » 25 » Esc. 22\$50
 12 » — » » 52 » Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os
 respectivos portes
 PAGAMENTO ADIANTADO

REDACTORES EM LISBOA
 Alfredo Marques | Noberto Araujo
 Artur Portela | Sá Pereira
 Jaime Brazil | Santos Vieira

ESPECTACULOS

DO PORTO

TEATROS

Sá da Bandeira — Pela 1.ª vez no Pôrto a lindíssima peça francesa «O Novo Idolo» com Alves da Cunha.

CINEMAS

S. João — Grande successo da engraçadíssima comédia musicada e falada em francês «Diplomata para Senhoras» com Martha Eggerth.

Trindade — A grandiosa super-produção do Ano-Metro «O Filho da Índia» com o galã Ramon Novarro e a loira Madge Evans.

Olimpia — A opereta falada e cantada em francês: «Os Hussardos da Rainha». A comédia «Pat e Patachon congressistas».

Batalha — O já esperado filme da Paramount «Um Valente» a mais notável cena de pancadaria que tem aparecido no cinema.

Imperial — Um grande êxito ruído, da grande bailarina Zulaika a bailarina «Nua».

DE LISBOA

TEATROS

Politeama — A grandiosa revista de grande successo «Cantiga Nova».

Avenida — A super-revista das Senhoras e das meninas «Fogo de Vistas».

Maria Vitória — 2 horas bem passadas só com a revista «As Lavadeiras».

CINEMAS

S. Luís — O grande successo da notável super-produção cómica «O ultimo homem sôbre a terra».

Tivoli — Um grande filme de aventuras e amor «Mandchúria».

Odeon — O grande successo da gargalhada «Salvai as Mulheres».

Condes — O filme da Raça Americana. O supremo espectáculo da emoção «O Dirigível».

O nosso plesbicito

Contra o que havíamos prometido, não inserimos ainda hoje, os nomes daqueles que têm preenchido as listas e que se contam já, aos milhares.

Mais uma vez pedimos a tôdas as pessoas que nos enviarem listas, o favor de estampilharem com um selo de \$25 em vez de \$15, como erradamente, indicam as listas.

AOS VIAJANTES

Pensão de Guimarães de JOAQUIM DA SILVA

Diárias desde 14\$00 a 20\$00
 Almoços a 8\$00 Jantares a 10\$00
 19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES
 TELEPHONE, 121

Salão
 Beethoven, L. da

◆ ◆ ◆
 Praça 8 de Maio
 COIMBRA

MUSICAS
 INSTRUMENTOS

Os melhores preços
 O maior sortido

Não tenha dúvidas

A-pesar-da carestia da vida, da dificuldade em conseguir géneros alimentícios puros, a casa do nosso amigo António José Araújo, com mercearia, vinhos e padaria, no largo 1.º de Maio, 18, **Guimarães**, continua a caprichar em servir bem brindando todos os clientes, consumidores do seu café especial. Torrefação e moagem eléctrica diária.

No próximo número

Sensacionais reportagens

CAFÉ SUIÇO

PORTO

Único no sabor e aroma

Moído e em chávana

MORREU ontem de madrugada, numa cama miserável do Hospital de S. José, em Lisboa, na penumbra afiliva duma enfermaria, abandonado e ignorado, sem outro bálsamo, na agonia, do que o dos bocejos dos enfermeiros mal humorados por ele morrer a horas tão impróprias e incômodas — um dos homens mais curiosos e de espírito mais brilhante que coleccionei neste meu já volumoso album de recordações humanas!

Chamava-se Horácio Perestrelo; e embora nascido numa dessas muitas repúblicas em que o antigo império espanhol da América foi retalhado no século XIX, embora mantivesse sempre a sua nacionalidade americana — ele foi sempre português; viveu, pensou, morreu como o mais puro e romântico dos portugueses — cujo sangue, sem misturas, lhe corria nas veias. Os pais eram minhotos. Um bofetão violento do Destino ou simplesmente do azougue da aventura, levou-os a emigrar para essa distante nação, banhada pelo Pacífico — talvez o Peru; ou a Colombia; ou o Equador — não me recordo ao certo. Muito novo ainda começou a escrever para as gazetas do seu país; e graças às influências conquistadas na imprensa — obteve, após uma das revoluções periódicas dessas terras americanas, a nomeação para um consulado na Europa. Escolheu Portugal, como poderia ter escolhido a França ou a Itália. Um entusiasmo, feito paradoxalmente de nostalgia e de sonho atávicos — levou-o a essa preferência.

Os pais não tinham enriquecido à sombra da já semi-séca árvore das patacas; mas, no misticismo do seu amor pelo filho, haviam ameaçado, através de mil sacrifícios, o dinheiro suficiente para que Horácio satisfizesse as suas ilusões dos vinte anos ante a primeira viagem ao estrangeiro (como eu conheço, essas ilusões!) — encaderando-se, numa elegância teórica, mais digna dum figurante de cinema do que dum diplomata de verdade. O seu enxoval era minucioso, janota — e ingénua. Não faltavam camisas de seda, plastrons a Eduardo VII; polainas enxadrezadas; fraques claros, smockings, luvas de camurça, acanariadas e até uma casaca.

Desembarcou em Lisboa como quem entra, pela primeira vez, na câmara nupcial. Criou relações, visitou as melhores famílias, publicou um livro de versos, em português (ele dominava o idioma paterno talvez melhor do que o castelhano) saboreou as emoções das grandes aventuras e das grandes mentiras do amor. Mas foi efêmera essa aurora boreal do seu triunfo! Poucos meses depois de iniciar a sua carreira consular — uma nova revolução fregolisou por completo a política, o governo, as influências do seu país; como aquela que o guindara ao posto de consul tinha fregolisado o governo, as in-

fluências e a política de então! E Horácio foi demitido pelo telegrafo — porque os novos senhores da governança, anciavam aquele lugar para um seu afilhado.

Começou, nessa época, a verdadeira carreira de Horácio, a que o devia levar à morte miserável que teve e que era a única para a qual ele estava fadado...

Conheci-o já em absoluta decadência — ou melhor: no apogeu dessa carreira que ele criara com o earinho e a tenacidade de quem exige aos destinos a sua própria vitória!

Disse que Horácio Perestrelo era dos espíritos mais curiosos e bizarros que margina.n as minhas recordações... A antropologia do seu carácter — revela, de facto, essas estranhezas. Era teimoso até à birra; mas na teima, como em tudo, mantinha uma serenidade altiva e artificial, mas impressionante, mais filha do seu orgulho do que do seu temperamento. Possuía a flama da controvérsia, contrariando todas as opiniões — até as próprias, discutindo sempre, com ou sem razão! Sônhador e romântico im-

à custa dos outros — cultivando as famílias que o tinham acolhido com simpatia, aceitando convites de festas, de jantares, de teatros... Tão pouco transigiu com essa saída ao seu triste bécó. Afastou-se, escondeu-se, fez-se miope para não saúdar as testemunhas da sua efêmera grandeza, sempre solitário, silencioso, altivo... O Século, o Diário de Notícias, onde ele já colaborara; vários empresários e artistas seus conhecidos; um ou outro editor, podiam-lhe garantir não uma existência regalada, mas um comodismo fácil e modesto — se ele escrevesse artigos, peças ou livros! Nunca! Não era assim que ele tinha sonhado vencer; e como não era assim — não quis!

Mas a miséria começava a gelá-lo com as suas ventanias impiedosas. Era preciso, era urgente abrigar-se, e sobretudo não tornar espectacular e pública, a sua derrocada! E foi então que Horácio Perestrelo criou a mais original profissão de que tenho ouvido falar até hoje...

... E Horácio Perestrelo fez-se anónimo profissional!

Como não pudera impôr-se à medida certa e premeditada das suas ambições sociais e literárias; como a sorte o burlara nas promessas mais ardentes dos seus cálculos; como à sua sensibilidade romântica e ao seu temperamento de teimoso repugnava para o seu nome um triunfo mediano e vulgar — preferiu o anonimato absoluto;

fez dele uma profissão — como fizera da sua vida um isolamento, macabuzo, mas altivo!

Pouco a pouco todos os editores de canções para cegos, das folhas volantes dos «grandes e horríveis crimes»; dos manifestos oportunistas; dos panfletos plebeus dum número único, destinados ao berreiro dos arduas; todos os que necessitavam de uma «carta aberta» ou de uma «última hora» já sabiam que existia, em Lisboa, quem os redigisse com espavento, com um simulacro de sinceridade sugestivo, — e a preços módicos, a preço sem concorrência! Sabiam que Horácio existia — mas ignoravam quem ele era! Sabiam que se lhe podia confiar esse trabalho, que era pontual, competente, discreto, e onde o encontravam — numa leitaria modesta e oculta dos Paulistas — mas desconheciam a sua vida, o seu passado e até o seu nome! Sobre tudo o nome — porque Horácio era essencial e conscientemente anónimo!

Mas não se limitava a estes editores do acaso e do oportunismo barato — a clientela de Horácio Perestrelo. A sua teimosa incógnita atraía outros freguezes — mais lucrativos. Super-abundam em Portugal — como em toda a parte — uns vaidosos imbecis, sofregos de glória entre

HOMENS

&

FACTOS DO DIA

HORACIO PERESTELO — O PROFISSIONAL DO ANONIMATO

penitente — negava, também por orgulho de vencido, esse sonho, esse romantismo — como repudiava a não ter triunfado numa vitória gloriosa e total! E por isso fazia da derrota na vida — uma apoteose, uma vitória!

Podia ter agitado a influência de amigos, ter-se aproveitado de uma das muitas revoltas que se encadernam àquela que o destilura — para regressar ao seu posto ou a outro posto qualquer. Não esboçou um gesto, não fez uma tentativa! Podia ter voltado à pátria, ao lar paterno, ao convívio dos amigos poderosos da sua terra, que lhe tornariam a existência mais suave! Não quis sair de Lisboa; não quis que a sua gente o tornasse a vêr pelo pudor de não se exhibir como um derrotado. Podia ainda manipular as amizades que grangeára em Portugal, procurar em Portugal uma resolução cômoda ao seu problema; ou, pelo menos, como tantos outros, persistir nas suas relações mundanas, gozar, de graça, a ilusão duma vida faustuosa,

DR. A. SANTOS AMARAL
MÉDICO

Rins e Vias Urinárias — Sífilis
CLÍNICA GERAL
Consultas das 15 às 20 horas

Telef. 5785 R. Bomjardim, 622-A PORTO

(CONCLUI NA PÁGINA 15)

SACERDOTISAS DE VIÊNUS

Mulheres do deserto — Os «spahis» e o seu chefe — Giuseppe — Um personagem lendário — A história de Giuseppe — Um inimigo — Uma peregrinação em Itália

Da «Stampa» — Turim:

A Algéria não é mais do que uma parte da Europa, ou, melhor ainda: — do Meio-Dia de França — transplantada para as margens da antiga África barbaresca.

E eis que, pouco depois de Boghari, como para confirmar esta opinião, apareceu uma caravana de camelos, de um pitoresco inédito. Os animais marchavam lentamente, conduzindo, no dorso, o palanquin rudimentar e usual, destinado a proteger, dos olhares indiscretos, as jovens mulheres árabes, que o mesmo avidamente escondia — tanto aos homens como ao sol.

Mulheres do deserto

No momento em que o comboio passou ao lado da pequena caravana, as cores verde e rosa dos estofos que cobriam os palanquins, indicavam que aquela condução constituía uma das originalidades africanas: — uma caravana de Ouled Nails.

Estas mulheres percorrem o Sahará, à caça dos ricos sedentários, dos pastores que venderam as suas rezes e dos piratas cameleiros, de regresso de um bom golpe efectuado em uma rica caravana...

Todavia, ao contrário do que entre nós se constata, estas mulheres são veneradas pelos indígenas.

Um secreto respeito as envolve, porque elas são as tradicionais sacerdotisas do amor, além de representarem, aos olhos dos Saharianos, a necessidade da poesia, que se encontra adormecida no fundo dos seus corações tão ardentes como a sua terra.

As mulheres Ouled Nails, nos cafés, contam fábulas e lendas do deserto aos homens que as escutam religiosamente, de olhos velados pela nostalgia.

Lentamente, elas vão criando uma atmosfera lírica, que os cantos e a dança levam ao paroxismo e que, mais tarde, apenas a paz infinita do deserto consegue dominar.

Estas mulheres, votam-se a este destino tão singular, por taras hereditárias. «Será preciso lastimá-las?»

Nos seus olhos ardentes, passa, de quando em quando, um lampejo de esperança.

Sabem perfeitamente que encontrarão um noivo que não se importe do seu passado, e que serão acolhidas com verdadeiro júbilo, principalmente se a grande caixa que constitui o seu palanquin encerra joias, dinheiro, etc.

Esposas perfeitas e fieis, esperarão, pacientemente, louvando Allah, pelo dia em que, já mãis, possam continuar, em suas filhas, a tradição singular e melancólica da sua tribo.

Os «spahis» e o seu chefe

Escusado será dizer que os homens Ouled Nails esperam, resignadamente, fumando

o seu cachimbo, pelo regresso das suas mulheres, da sua vagabundagem infinita. São, entretanto, destemidos cavaleiros e admiráveis guerreiros.

Antes da ocupação francesa, erravam nas zonas livres do Sul de Algéria, na pesquisa de um bom «golpe» e, de tempos a tempos, colocavam-se a soldo de qualquer príncipe indígena.

Quando os franceses chegaram, em 1831, os «Ouled Nails» defendiam a «kashba» de Bône, às ordens do «bey» da Algéria. Como fazer para se desembaraçarem deles? O então comandante das tropas, general Clauzel, não atinava a que santo se devia dirigir.

Giuseppe

É nesta ocasião que um jovem italiano — Giuseppe — entra em cena; tem uma ideia



Disfarçado em mercador árabe, consegue infiltrar-se na «Kashba»

genial: — disfarçado em mercador árabe, consegue infiltrar-se na «kashba».

— As vossas mulheres — dizia ele aos Ouled Nails, não podem trabalhar em Algéria. Se prometeis passar ao serviço da França, eu asseguro-vos que elas poderão exercer o seu «mister» nas grandes cidades, aonde os homens se contam aos milhares.

As peças de prata que os palanquins verde e rosa encerram, das futuras esposas, dançam na imaginação dos defensores de Bône. «Como resistir à tentação?»

Foi desta forma que, abandonando o «bey», eles passaram ao serviço da França, formando o primeiro esquadrão de «spahis» algerianos.

Eles combatem brilhantemente, enquanto as mulheres ganham quanto querem e podem, nos centros das grandes cidades ultra-populosas.

Um personagem lendário

Sómente em 1841 Luís-Filipe se decidiu a instituir definitivamente um corpo regu-

lar de «spahis», dividido em vinte esquadrões, repartidos pelas três províncias seguintes: — Alger, Constantino e Oran. Giuseppe é o comandante-chefe da cavalaria indígena, que organizou e animou.

Encontra-se, hoje, o seu retrato em todas as casernas dos regimentos de «spahis».

A história de Giuseppe

Eis a história de Giuseppe, nos seus mais simples traços:

Em 1815, uma criança italiana, em Tunis, foi vendida ao «bey» por um pirata barbaresco, que o apanhou num navio em curso da ilha de Elba para Livorno. Apenas com seis anos de idade, essa criança fala corretamente italiano e francês, dizendo chamar-se Giuseppe. Todavia, nunca se lembrou do seu nome de família.

Ao peito, trazia um medalhão com uma fotografia de mulher, de olhos avuludados e sorriso cheio de bondade: — sua mãe.

Distinguido entre os escravos do palácio do «bey», aos 15 anos, ele fala o árabe e o turco, sendo bastante considerado na arte de passar arabescos...

Cavaleiro intrépido, é em breve admitido no corpo de mamelucos, onde não tardou a chamar as atenções como atirador inigualável.

O «bey», em face de tão boas qualidades, considera-o como filho, não tardando a conceder-lhe autorização para freqüentar o harem, composto de 120 mulheres.

Todavia... deixou-se tentar por uma boa meia-dúzia de mulheres do «bey».

Para salvar a vida, Giuseppe refugiou-se num brigue, em caminho por Alger, fracamente ocupado pelos franceses.

É neste momento que começa a sua maravilhosa carreira, chegando ao grau de general sem nunca ter deixado a colónia.

Um inimigo

O seu primeiro e maior inimigo, mostrou ser Mac Mahon, que combateu a seu lado, para a conquista da grande Kabila.

Mac Mahon era um homem meticuloso, que se recusou, a admitir, fôsse por princípio fôsse, que o pequeno escravo italiano fôsse mais do que um aventureiro. O ódio de Mac Mahon, chegou ao paroxismo quando o general Giuseppe propôs a Napoleão participar com os «spahis» na campanha de 1859.

Mac Mahon opôs-se tenazmente e, nomeado governador de Algéria, recusou-se a conservar Giuseppe sob as suas ordens. Isto em 1859.

Uma peregrinação em Itália

O general Giuseppe foi nomeado comandante-chefe da divisão militar de Montpellier.

Após a sua chegada à Europa, fêz uma

CASAS DE MISTÉRIO

O Fatalismo dos Carrancas — O palácio onde a morte espreitava os intrusos.

● — As masmorras secretas e os seus desventurados habitantes ●

COMO dissemos no número anterior vamos continuar a mostrar-vos, o interior das algumas casas do Pôrto, que vós conheceis, por onde tantas vezes haveis cruzado, sem que, porém, saibais a sua história, uma história capaz de fazer-vos pensar que estais no corredor duma catatumba, dobrados, de cabeça baixa, esperando a morte que virá ceifar-vos lentamente.

Hoje cabe a vez ao palácio dos Carrancas, ali na rua do Triunfo, edificio de grandes dimensões, com os seus salões nobres, que são enormidades, e paredes de grande espessura, húmidas e frias.

Era noite, uma noite escura e tenebrosa, quando penetramos naquele casarão imenso, que confina com a rua Miguel Bombarda. Tudo ao derredor eram sombras, penumbras de pesadelo propícias a aparições, trevas alucinantes que dir-se-iam ocultar fantasmas vingadores ou algum «sabat» com bruxas cogitabundas e exorcismos sacrílegos. Estávamos suspensos dessas evanescentes visões de cemitérios, num ritual estranho da meia noite, pensando maquinalmente num ambiente de crime e loucura, com sangue e punhaladas. Pouco a pouco o silêncio apavorante trouxe-nos à espinha o frio duma urna funerária a exalar podridões e ao cérebro o pensamento dos que ali, porventura naquele mesmo local, vomitaram imprecações, contra os seus algozes.

Quando saímos dêsse horripilante casarão, uma claridade de alva gritou bem alto, dentro do nosso coração ainda há

pouco tão alanceado, o cântico da vida. É que aquêles salões, corredores e galerias algidas do Império da Sombra, pareciam haver transformado o *reporter* num cadáver — que só agora, à Luz triunfante, ressuscitava ainda lívido de emoção.

Em 1796, os irmãos Manuel Mendes de Moraes y Castro e Isidoro de Moraes y Castro, capitães de milícias, mandaram construir um palácio a que deram o



O Duque de Sarnelha, que appareceu assassinado

nome de Carrancas, por habitarem na rua do mesmo nome — hoje rua da Liberdade. Esse palácio que ainda fazia parte da torre da Marca, foi vendido a D. Pedro V por 30.000\$00, após o desaparecimento misterioso dum dos dois irmãos. Nêle estiveram hospedados os generais ingleses Beresford e Wellington, o príncipe de Orange e o Duque de Sarnelha — que pouco depois appareceu assassinado — sem que o autor do crime fôsse descoberto. A Fatalidade parece perseguir os que nêle põem os pés, e assim, em 1839 suioidou-se ali o dr. An-

tônio Joaquim Ferreira, juiz de Fora em Santa Marta de Penaguão. Nêle endoideceram os desembargadores da relação do Pôrto, Manuel Borges da Silva e Luís Moraes Castro. A 12 de Abril de 1862 passa a denominar-se palácio real e as desgraças sucedem-se, como se a morte estivesse oculta numa bobina que, girando, fôsse misteriosamente alvejar parte dequeles que ousaram habitar ou simplesmente penetrar no «Mausoleu» dos Carrancas, como lhe chamava o rei D. Luís. Em 22 de Outubro de 1862 visitou o Pôrto o então príncipe, Umberto da Itália, sobrinho de D. Maria Pia, que apenas entrou no Palácio adoeceu gravemente, pelo que esteve entre a vida e a morte. D. Carlos tinha por êle uma grande aversão, e a Cruz Vermelha não aceitou a oferta que lhe fizeram para lho cederem, outro tanto fazendo a Associação Médica Lusitana.

No dia em que o Palácio foi vendido ao rei D. Pedro y deu-se um terramoto no Pôrto. O palácio resistiu, como aliás outros, mas algumas salas interiores derriuram. Mandadas fazer as obras necessárias, foram descobertos vários subterrâneos que confinavam com a Torre da Marca, e numerosas masmorras, algumas das quais continham ainda alguns esqueletos acorrentados às paredes. A que homens ou mulheres pertenceram êsses ossos, únicas testemunhas dos imensos dramas desenrolados em silêncio? É um mistério, que jamais se desvendará...

ADALBERTO RIBEIRO

peregrinação à ilha de Elba, a-fim-de encontrar vestígios de sua família. Despertara em si o amor pelo torrão natal.

Na ilha de Elba e em Livorno, ninguém o conhece, nem êle conhece ninguém. Desenganado e cheio de tristesa, regressou a Montpellier para morrer.

No lado esquerdo junto ao coração, encontraram-lhe um medalhão contendo a fotografia de uma mulher de olhos nostálgicos e de sorriso perene de bondade.

Medalhão que Giuseppe guardou escrupulosamente — como um escapulário — resumindo toda a sua vida de homem, condenado pelo seu destino e pela sua alma inquieta.

Reunião Elegante

É na *Sapataria Impéria*, à rua Cedofeita, 118-120, onde as senhoras da nossa melhor sociedade, diáriamente se reúnem a-fim-de apreciarem os lindos modelos de calçado, que o nosso amigo Lourenço Pinto Coutinho, com o seu apurado gosto de uma requintada elegância, ali expõe. Aconselhamos ás nossas presadas leitoras uma visita, a êsse modelar estabelecimento.

A Mulher Portuguesa, para quem apelamos, não nos quiz ouvir.

O crime da «Pôça das Feiticeiras» não era um crime que metia o «amor» de premeio e isso bastou para que a maior parte lhe não quisesse prestar atenção. Se D. Silvina tivesse sido uma assassina amorosa, tinha o incondicional apoio, estamos certos.

Era um romance real—dêsses que são preferidos por muitos—e que, quer *matem* ou *degolem* são sempre perdoadas e se aneia pelo fim, que deve terminar bem, para o herói ou heroína do amor. Perdoam-se os crimes, esquece-se o sangue derramado, desde que seja por amor. Mas D. Silvina não matou. D. Silvina está inocente do crime porque foi condenada. Isso que importa?—É uma banalidade. Quantos erros judiciários se têm dado? É mais um?

—Paciência. O Sr. Juiz presidente que julgou a família Bigodes, na sua informação que acompanhou o processo para o Supremo, e a que nos referimos no último número—também diz:—«Mas quantos erros judiciários se tem cometido por esse mundo fóra, e, afinal, após as primeiras notícias dos jornais, caem, como tudo, no olvido!—isto é que é natural. Se até a morte de pessoas que nos são mais caras, esquece, passando algum tempo.—Os jornais continuam a indicar erros judiciários, por assim dizer, o pão nosso de cada dia. Agora é em Felgueiras, onde em agosto de 1931, foram condenados a pena maior por um crime de assassinato dois indivíduos que se têm dito dêles inocentes. Já foram enviadas ao tribunal as testemunhas que confessaram terem mentido.

Está a fazer-se Justiça em todos os erros judiciários de que se tem tido conhecimento. É necessário também que, com urgência, essa Justiça chegue ao «Crime da Pôça das Feiticeiras». O nosso plebiscito tem tido um acolhimento, que nunca prevíamos, a-pesar-de, previamente, sabermos que a maioria da Nação deseja que a revisão daquele processo, se faça. Até à data, dos muitos milhares de assinaturas que nos têm chegado à mão, ainda não veio, uma sequer, que fosse contrária. Há tempos foram angariadas listas com assinaturas para fazer tal pedido. Cadernos e cadernos de papel foram amontoados até prefazerem aproximadamente cinquenta mil assinaturas. Essas listas encontram-se em Lisboa e dizem-nos que em breve serão entregues ao ilustre titular da pasta da Justiça, com o pedido de revisão. O nosso plebiscito será, oportunamente, entregue ao Excelentíssimo Presidente da República, com igual fim.

Estamos certos que os corações magnânimos de Suas Excelências farão com que aquelas 50 mil almas, pelo menos, descansem ao ser concedida ao Processo da «Pôça das Feiticeiras» a revisão que aneiam para assim, poder ser feita

Justiça

(Continuação do n.º anterior)

— Diz o sr. Augusto (?) que todos os advogados com excepção do Dr. Marques Loureiro, apodaram aquelas investigações de «salada russa sem tempêro». — O sr. Augusto (?) continua a ser um inocentinho e, parece, que só come a saladinha ao seu paladar, deitando-lhe tempêro em demasia. «Nem de mais, nem de menos, só o preciso...» já o dizia o Bispo de Viseu, D. António Alves Martins.

— Quería o sr. Augusto (?) (que não é nada augusto) que os advogados que intervieram naquele processo fizessem a apologia das investigações?— Como é inocente, para não dizermos outra coisa... — Então

O crime da Pôça das Feiticeiras

Continuação da autopsia à carta de alguém que não deseja que
Justiça se faça. Deixe-se fazer luz

não sabe que havia naquela audiência três advogados de defesa e um de acusação particular dos réus?—Então o sr. Augusto (?) desconhece—e querendo-se tornar tão conhecedor—que dois defendiam a «Família Bigodes & Picôa» e o Dr. Marques Loureiro, um irmão do Claudino?—Então aos ouvidos não lhe chegou—só não sabe o que lhe não convém—ou não leu na imprensa, que o advogado de acusação particular (o mesmo que foi para Claudino e esposa) se tornou naquela audiência defensor daquela «Firma», acusando somente o irmão do Claudino, a este e esposa, como se ali estivessem a ser julgados novamente?

—Oh! Ignorância ou maldade a quanto obrigas!...

—Como vê sr. Augusto (?) estes advogados não podiam estar de acôrdo com as investigações e fizeram a chicana que lhes aprouve.

O Dr. Marques Loureiro se assim não procedeu, é porque tem por hábito defender sem acusar. O Dr. Marques Loureiro, com a sinceridade que o caracteriza, protestou naquela audiência contra aqueles que acusavam indivíduos que, bem ou mal, já estavam condenados. Protestou por, pelas costas, atacarem quem não podia defender-se ou ter ali um representante. Protestou, sim, e declarou bem alto que nada o movia ao lavar aqueles protestos, além da sua indignação, pois que, nem já era procurador dos condenados, nem tão pouco lhe haviam ainda sido pagos os seus honorários de quando o primeiro julgamento. O Dr. Marques Loureiro, mostrou, mais uma vez, o seu desinteresse particular em prol da Justiça.—Continuando a transcrição da carta:—«Antes destes agentes havia estado em Viseu o agente Lains da P. I. C. de Lisboa que, felizmente, não se prestara a representar tam alta quam ridicula comédia. Só os dois espertalhões do Porto, de braço dado com o Dr. Abran-



Espoliando o cadáver

ches (entre outro parentesis, o sr. Augusto (?) volta com frases ofensivas) e que foram capazes de descobrir toda a verdade (?) levando a família do «Homem dos Bigodes», e um pobre velho de nome Luis da Picôa, a dizer as mais inverosímeis coisas sem valor algum jurídico.—Atrave-se o sr. Augusto (?) a comparar os agentes Vidal e Meira com o Lains nas investigações da «Pôça das Feiticeiras»? Nem por escarneo. Olhe, meu amigo, perdão, nem conhecido, quem diz o que quer, ouve o que não deseja. Não tinhamos tenção de nos referirmos a este assunto, mas, sómos obrigados por si, a tal fazer.—O Lains, depois de estar alguns dias em Viseu, queria fazer à força ressuscitar um individuo que já há tempos tinha falecido na América do Norte, para fazer dêle o criminoso. Passou buscas em casa dum amante dêle, e, encontrando ali uma moça (que ainda hoje se encontra como recordação na policia de Viseu) considerou-a logo como o instrumento do crime.

Como visse que não podia dizer eureka abandonou esta pista e prendeu um tal Figueiredo, tarado completo, tendo-o alguns dias preso.

Em determinado dia e hora, anunciou que ia proceder aos interrogatórios. Convidou jornalistas, chamou soldados e cabos da G. N. R. e o 2.º sargento Peres da mesma corporação, ao todo, aproximadamente umas vinte pessoas.—Ia levantar o pano. O preso estava em ponto de rebuçado por, não sabemos há quantas horas, não se ter alimentado. Os jornalistas protestaram em assistir aos interrogatórios, sem que lhe fosse dado de comer. Lains para não se prestar a representar tam alta quam ridicula comédia, mandou buscar a uma taberna próxima qualquer coisa que o preso comeu com sofreguidão e só no fim, se dando início aos interrogatórios. O que êles foram tornava-se fastidioso contá-lo. Pelas 2 horas da madrugada o preso continuava a ser interrogado, não pelo agente Lains que ressonava sentado numa cadeira, mas pelos circunstantes. Em dada altura o 2.º sargento Peres, pegando-lhe por um braço e levantando-o, disse-lhe:

«—Que veio você cá fazer?—Foi para interrogar, ou para dormir?—Lains, esfregou os olhos e ainda estremunhado, respondeu: «está bem entregue».—Os interrogatórios duraram até às 6 horas, sem que, se lavrasse qualquer auto.

Na tarde do mesmo dia, o preso negava tudo quanto havia dito, verificando-se que

era um doido e que se gabava das coisas mais inverosímeis. Falhou-lhe mais esta pista e Lains lançou então os seus olhares prespicazes, depois de algumas pessoas lhe cochicharem, para a «Família Bigodes», prendendo o seu chefe, genro e filha Elvira.—Fêz-se um truc, do que resultou o António Ferreira (genro do Bigodes) gritar em altos brados que estava desgraçado, que ia para a África, etc., etc. Dêle resultou ainda o «Homem dos Bigodes» confessar que a primeira pancada no Trindade havia sido dada quando êle ia a pôr o pé no primeiro degrau da escada que conduz ao solar pelo lado norte e por alguém que estava por detraz da palmeira.—Ficaram por aqui as declarações. Lains esfregava as mãos de satisfação. Agora, sim, tinha uma pista segura. Tornavam-se-lhe necessárias umas acareações com os restantes componentes da família. Aquêles ficavam incomunicáveis e no dia seguinte, de manhã, segundo afirmava, iria prender os restantes.—Que se passaria naquela noite?—Mistério. Chegou a correr a versão de que a Elvirinha com os seus olhos tentadores alguma influência poderia ter tido no desfecho.—Não sabemos e nem acreditamos ou deixamos de acreditar. O que sobemos no dia seguinte, é que os presos haviam sido soltos e que, sem mais averiguações, Lains deixava Viseu, indo apresentar o seu relatório em que alegava à seguinte conclusão: «e, por tudo que averigui é impressão minha que Claudino e esposa, estão bem condenados?!?!...»—Lains, felizmente, não se prestara a representar tam alta quam ridicula comédia!!!...

O que aqui dizemos acerca deste assunto, Sr. Augusto (?) provamo-lo, se necessário se tornar, com não poucas testemunhas.—O Sr. Augusto (?) diz que os agentes Vidal e Meira e Dr. Abranches levaram os presos a dizer as coisas mais inverosímeis. Mas, a ser como o senhor pretende, isso só demonstrava que aquêles agentes eram bastante inteligentes, por arquetetarem o drama de forma a ser acreditado em tôdas as suas passagens, deixando, por isso, de serem inverosímeis.

Agora, se o Sr. Augusto (?) atribue à palavra levaram, outro significado, isto é, se por habilidade detectivésca obtiveram as confissões dos presos, deixam também de ser as tais coisas inverosímeis, por serem a realidade e, assim, ainda mais uma vez, aquêles agentes continuam a ser habeis.—Se as confissões que a «Família Bigodes» e o Picôa fizeram e os indícios que as acompanharam, não tem valor algum jurídico, como pôde haver valor jurídico para a condenação de Claudino e esposa, onde não havia provas nem confissões?—Como vê, Sr. Augusto (?) está fora da lógica e inverosímil é toda a sua prosa.—Bem contra a nossa vontade ainda hoje não podemos acabar com a autopsia à carta do Sr. Augusto (?) continuando com ela no próximo número.

César Pulmo

N. R.—Sendo impossível fazê-lo por outra forma, agradecemos a tôdas as pessoas que nos tem escrito, felicitando-nos por esta campanha.

VIDAS NOVELESCAS

CHARLOTTE SUSAN

a revolucionária que esqueceu o seu ideal pela arte

NÃO se assuste o leitor com a atitude anti-pacifista que nos oferece esta foto de Charlotte Susa. De revólver engatilhado febrilmente, a cintilante estrêla alemã parece querer intimidá-lo com o gesto hostil de o obrigar a render-se. Mas, o leitor é prudente e cauteloso; portanto, nada de sustos, porque Charlotte, a-pesar-de ser uma mulher de raro temperamento, é uma artista de excepcional bondade e passionalismo.

Amante da liberdade e da justiça, foi, durante muitos anos, perseguida e humilhada. No tempo em que a Alemanha do Imperador era posse absoluta do militarismo. Charlotte Susa buscava um ideal que a conduziu a ser íntima amiga de Rosa Luxemburgo, quando ainda se não esboçava o menor sentimento da guerra europeia. A-pesar, porém, de querer unir as suas ideias às de Rosa Luxemburgo, em breve se viu forçada a abandonar a amiga que lutava pela hegemonia do Estado a favor do partido socialista. E Charlotte, que queria o Estado patrimonial do povo e rejeitava a política dominadora, discordava com a forma de governo que a amiga preparava.

Abandonaram mutuamente a amizade que as unia. Pouco depois, com a queda do trono do Kaiser, Rosa Luxemburgo foi vítima da sua maneira de pensar, succumbindo ante o desestronamento do Kaiser. Por seu lado, Charlotte, que havia sido encerrada nas masmorras dum prisão, durante o período revolucionário, conseguiu, então, a liberdade,—ao desaparecer a sua inimiga e rival.

Charlotte era jovem,—duma beleza extraordinária, alta, insinuante,—e sendo dotada de tão atraentes prediosos de formosura, começou a sua existência a sofrer os vexames que lhe proporcionava o estado de ebulição do espirito rebelde que a caracterizava. A infelicidade, porém, continuava a perseguir aquela desventurada rapariga. Morreu lhe o pai,—quando ela tentava empreender a carreira de Lexes,—e a mãe, vítima dum tuberculose que a minava há anos, succumbia, dentro em pouco, aos mais horribéis padecimentos, após ter sido socorrida por uns parentes que tinha em Coblenza.

Ao encontrar-se só e desprovida dum auxilio que, até então, lhe havia sido indispensável e lucrativo para as ideias que lhe galvanizavam o cérebro efervescente, Charlotte lançou-se ao mundo, de braço dado com o seu carácter férreo e as ideias que concebiam desde a mocidade.

Abandonou os estudos e colocou-se como mecanógrafa num Centro republicano de Berlim, onde o seu ideal foi revelado como um elemento prodigioso dentro do partido.

Foi então que, lançando mão de tôdas as possibilidades para se expandir, começou a escrever nos periódicos sob o pseudónimo de Albert Philwat, atingindo, dentro em pouco, tal celebridade, sobretudo na Direcção da Segurança, que Berlim anciava conhecer o personagem misterioso que magnetizava

com os seus escritos aquêlo povo febril. Contudo, a-pesar de tôdas as precauções da Policia Secreta e dos Centros de Vigilância, Albert Philwat continuava a ser uma incógnita impossível de decifrar,—e Charlotte sorria intimamente, continuando a lançar ao público o mais vasto programa de renovação politica.

Mas, um dia, de novo a infelicidade surgiu, enamorando-se Charlotte dum estudante de Medicina. Para êle, estava desvendado o mistério que encobria o jornalista misterioso das gazetas diárias, pois Charlotte, não olvidando, ante o amor, as suas ideias, induziu o jovem estudante a distribuir entre os companheiros e amigos, prospectos clandestinos que ela lhe entregava. O noivo da mulher mais discutida no meio politico, cumprindo fielmente as prescrições que ela lhe ordenava, caiu um dia nas garras da Policia, quando, mais uma vez, distribuía manifestos revolucionários.

Estava descoberta, para o público, a verdadeira identidade de Albert Philwat,—sendo Charlotte detida e encarcerada de novo.

Todavia, as suas ideias, em lugar de abandonarem aquêlo cérebro exaltado, mais persistentemente se definiam no seu carácter de revolta. Uma anistia geral para os presos politicos conduziu-a à liberdade,—tão almejada para nova expansão do seu ideal.

Destronado o Governo monárquico, fundou um jornal onde sustentou uma assídua campanha contra os elementos monárquicos que, agora, prestavam

serviço no regimen republicano, sendo tão insistentemente perseguida que se viu forçada a fugir para a Dinamarca. Não terminara, ainda, a sua vida aventureira, pois, mesmo lá, continuou a alvejar os directores da Republica Socialista.

Charlotte Susa não perdura os seus atraentes dotes de beleza, e a paixão que induzia os seus admiradores a perseguirem-na com galanteios amorosos, inquietava-a. Contudo, Charlotte, vítima das suas ideias, detestava o amor e não escutava os que admiravam a sua formosura.

Ao terminar a guerra, um official que a requereva, esteve prestes a ser fuzilado por sedicioso, vítima do amor pela futura artista do écran.

Ultimamente, foi despertada da letargia em que se encontrava, unindo-se a um actor alemão que lhe fez modificar o seu espirito revólto, começando, então, a dedicar-se com actividade à arte, e ajudando o seu companheiro nas funções teatraes.

Foi o seu grande passo. Olvidou, por completo, o idealismo doutrina. E, hoje, transportada ao cinema, que a seduziu, Charlotte Susa é uma actriz de raros méritos e forte interpretação, entusiasmando as platéias de todo o mundo com a sua «maneira» de artista, com a sua arte de mulher passional,—que não deixa antever a revolucionária da época de Rosa Luxemburgo.

Ruy de Lucena.



Charlotte Susa, na interpretação de «O Tigre»

Uma reportagem à República Espanhola

○ PASSADO, ○ PRESENTE E ○ FUTURO ○ DO ○ SNR. LERROUX

UM dos nomes que mais freqüentemente ma-traqueiam a política espanhola e o govêrno de Azaña — arrancando-lhes ruidos de escândalo ou luminosidades vistosas — é o do sr. Lerroux.

Desde o primeiro dia da vida política de Azaña — que o sr. Lerroux o combate com tenacidade, violência e astúcia. Rotulado por uma velha etiqueta de republicano, vendo a fácil vitória governativa dos socialistas e dos republicanos da esquerda — desfaldou imediatamente a bandeira oposta, procurando enroscar à volta do seu pseudo-símbolo, à laia de um garfo tridente em prato de macarrão italiano,

torpe, golpe de *caipora*, rasteira japonesa ou truc oratório que Lerroux não tenha usado, para desocupar o govêrno que cubija. Sobre este aspecto a sua deslealdade nivelou-se à sua tenacidade. Não consegue vencer — porque a grande maioria da nação — e até dos políticos, o conhece e o despreza — ou o teme. Mas consegue desorientar. É uma espécie de nevrose aguda e crônica — irritando o govêrno e o parlamento. O próprio Azaña se desequilibra, às vezes, ante a astúcia livrenta de Lerroux. «— Se é de V. que deve partir o raio que fulmina este govêrno — gritou-lhe um dia, Azaña, asfixiado pelas negaças e ameaças de Lerroux — que venha o raio e acabe-mos com isto!»

Metódico, persis-tente até à teimosia-pouco escrupuloso nos processos — muito influiu para que o govêrno não ganhasse as últimas eleições. Equivocou-se nos cálculos — porque ele, Lerroux, tão pouco ganhou.

Como já disse, assiste, em parte a essa propaganda eleitoral; aos *meetings* e às intrigas; à luta clara e ao caciquismo subterrâneo. Pois bem: todos os propo- e avançados; regionalistas e agrários; católicos e esquerdistas da extrema — poderam falar, tiveram público a escutá-los em silêncio, tiveram aplausos. Os partidários do sr. Lerroux, melhor do que os outros organizaram a sua maquinaria de propaganda — e digo melhor, entre outras razões, porque estavam bem financiados. Mas os únicos que não conseguiram falar porque o público não quis escutá-los, porque, em toda a parte eram insultados, apedrejados, provocando desordens que impediram que se pronunciasse o mais habilidoso dos discursos!

É que existe uma grande diferença entre Azaña e Lerroux.

Azaña é... aquilo com que eu julgo diagnosticá-lo nos artigos anteriores; mas Azaña, não o nego, é também um homem honrado, sem mancha, com um passado limpo, como um homem; brilhante, como literato — dramaturgo, sobretudo; um bem intencionado, um sincero. Pode-se discordar das suas violências, da sua teima governativa do lunatismo

das suas realidades políticas. O que não se pode é acusá-lo de desonesto!

E Lerroux. . .

Lerroux tem um longo passado político. Ambicioso, activo, inteligente e sem escrúpulos — lançou-se na vida para vencer, custasse o que custasse e a quem custasse. Como prova da sua tempera, da sua persistência — basta evocar a sua formatura em direito. Já lhe haviam embranquecido os cabelos — quando Lerroux se apercebeu que lhe convinha ser advogado; e aproveitando umas tréguas políticas e umas economias... amealhadas (?) começou a estudar — e .. formou-se!

Os seus inícios são os de um aventureiro. Principiou como todos os ambiciosos mal intencionados — agitando as massas operárias, sem outro objectivo que não fosse jogar com elas no tapete verde das suas manigâncias. De palavra fácil e eloquente — electrizava os trabalhadores, insinuava-se no seu espirito — dominava-os. A sua presença e a sua fonografia oratória, eram constantemente exigidas em todas as associações de classe. Compreendendo — naquela época — que Barcelona, lhe oferecia um terreno melhor adubado para os seus planos de *me-neur* — em Barcelona agiu de preferência.

Não julguem que são de hoje estas minhas opiniões sobre o sr. Lerroux; que as improvisei ou as moldei nesta última estadia em Espanha. Os últimos acontecimentos, assoprados pela política de Lerroux, apenas vieram confirmar a ideia que dêle formava há muitos anos.

Na minha reportagem «História Completa da Ditadura Espanhola», — publicada em 1923, revelo uma das suas façanhas mais características. Uma das semanas sangrentas de Barcelona — a de 1917 — Lerroux representava o papel de *metteur-en-scene*. Tinha sido êle quem tecera o ambiente, quem petrolisara os espiritos, quem fuscara a centelha incendiária da revolta. Vários elementos sinceros e activos estavam envolvidos na conjura e depois na tragédia — mas tão acautelados, que a polícia nem suspeitava da sua intervenção. Súbito — são êsses ocultos maneja-dores da revolução presos e muitos dêles fuzilados nesse sinistro

forte que se chama Montjuik — e o único que se queda em liberdade, numa fôfa e comoda liberdade, é o sr. Lerroux — o principal incendiário da revolta!

Tornou-se público então que Lerroux estava nos segredos da polícia, como a polícia estava nos segredos de Lerroux — graças à T. S. F. dos cofres policiais. E uma das vítimas — como então evoquei nessas minhas reportagens de 1924 — foi o actual ministro Marcelino Domingo, que declarou em alto e bom som que fôra atraído e vendido pelo sr. Lerroux.

Mas não é esta a única nem sequer a primeira proeza do sr. Lerroux...

Quando, anos antes, a sua influência nos meios operários atingiu certa gravidade — começou por negociar greves com os *patrões*. Inflamava qualquer descontentamento dos trabalhadores, irritava-os, suggestionava-os — e quando os via em hipnose, dispostos a obedecerem-lhe ao menor gesto — parlamentava nos bastidores e junto ao cofre dos industriais.

A sua acção tornou-se tão sensível no dinam social catalão que um chefe de govêrno, dizem que Canalejas, não sei — o chamou e lhe propôs um pacto de... sossêgo.

«— Para não prosseguir a minha obra social, — respondera Lerroux — é indispensável que eu me ausente de Espanha e esteja uns anos no estrangeiro — bem distante de tudo isto...

«— E para onde quer ir?

«— Para a Argentina.

«— Então vá!

«— Mas para ir preciso de dinheiro — duma soma

que me garanta a vida e me indem-nise dos prejuízos que esta ausência provoca no meu futuro — na minha carreira.

«— ?

«— Um milhão de pesetas!

Afirmam que o ministro não achou caro ver-se livre de tão perigoso agitador por tal preço. Afir-

mam ainda que êle não pôde engulir, sozinho, essa fortuna — porque os seus auxiliares ao aperceberem-se da manobra, impozeram-se e retalharam o *puling* em grossas fatias!

Mas pouco tempo Lerroux se demorou na Argentina! Êle sabia que o filão estava em Espanha e à Espanha regressou...

Veio a guerra — e Lerroux fêz-se francofilo. Não por temperamento, por lógica, por coração e cérebro — como Blasco Ibañez: por cálculo, por interesse,



O inspector do Corpo de Prisões e o director do cárcere, verificam a pequena passagem por onde se evadiu Pablo Rada

por negócio... Fêz-se propagandista dos aliados — e percorreu a Espanha numa *tourneé* inexplicável e estéril — mas que aos olhos da França tomava proporções de um evangelismo sagrado e grandioso. E mal a França patenteou a Lerroux a sua gratidão — êle começou a explorá-la cambiando os agradecimentos com tráficos, encomendas, etc. E a França que necessitava de metais, de sapatos, de capotes, de tudo — para o seu exército e para a sua população civil — preferiu confiar-se naquêle *grande e poderoso amigo* — de que em qualquer desconhecido!

Foi então a época doirada de Lerroux. Financiava sapateiros e tecelões; improvisava indústrias e máquinas — mas quantas falcatruas, quantas falsificações, não organizou simultaneamente. Conta-se que, duma remessa de botas para os *portús*, quando êstes as calçaram, nas trincheiras, pouco depois sen-

tiam os pés empapados de água; é que as sola eram... de cartão!

Tantas fêz — que o govêrno da França suspendeu todos os tratos comerciais com Lerroux. Na sua ganancia insaciável — não se resignou à justa derrota, a-pesar-da imensa fortuna que amealhara — e tenta uma reconquista da gratidão francesa, recomençando a *tourneé* de propaganda francofila pela Espanha. Mas dessa vez — saíram-lhe errados os cálculos: a França não se comoveu; e por toda a parte por onde passava era apedrejado, insultado, acusado de traidor e de falso!

Muito mais podia revelar sobre este sr. Lerroux; mas pelas amostras que evoco, fica suficientemente definida a figura moral dêsse republicano que quer ser o símbolo dos conservadores do novo regímen — e que, segundo o acusam, está aliado aos monárquicos, aos agrários e aos clericais — e sobretudo... aos financeiros!

Mas... continuaremos!

REPORTER X

Folheando Antiguidades

UM côxo querendo chasquear um corcovado, que para êle se dirigia, disse-lhe: «Então, meu amigo, o que trazes hoje de novo na mala? — Tu é que deves saber as novidades, — retorquiu o corcunda — porque andas sempre de uma parte para outra...

CENSURAVAM um velho visir pelo seu carácter pouco firme. — E a êsse mesmo carácter — respondeu êle — que eu devo o lugar que ocupo e é por êle que me mantenho. Há sessenta anos que estou no mundo; os meus dentes que eram rijos, caíram quasi todos; e a língua que é flexível, ainda se conserva inteira.

UM individuo a quem faltava um olho, encontrando pela manhã um corcunda, disse-lhe: — Que é isso amigo? — Já tão cedo, carregado? — Pensas que é muito cedo respondeu-lhe o outro — porque te entra a claridade somente por uma janela.

HERODES



Alguns dos envolvidos, nos acontecimentos de Jaca. Da esquerda para a direita: Capitão Sediles, Garcia Arguelles

todos os descontentes do govêrno — e até do regímen. E digo até do regímen, porque Lerroux defendendo os interesses religiosos, agrários e financeiros — intentou — e conseguiu, em parte — fortalecer o seu vago partido com os melhores dinamos clericais, monárquicos e burgueses — não republicanos — ou sejam os mais ferozes adversários da República.

O ex-pregador das liberdades, das democracias, de todos os ideais orientais — pretende transformar-se em poder equilibrador, em paladino das direitas, em Cruzado contra todas as medidas, atitudes e leis com o sabor liberal, socialista ou democrático que o Govêrno ou a República produzam.

No *roulement* governativo que a República parece ter esboçado já — o sr. Lerroux está à vez, para subir ao poder. E possivelmente é êste o motivo porque Azaña não cai; ou melhor, porque, mesmo aquêles que o combatem, o não deixam cair ainda!

E contudo não existe expediente, habilidoso ou



Entrada do forte de Jaca

A «calle» de Jaca onde principiaram os motins

UM CRIME HEDIONDO

A monstruosidade dum pai — “Desgraçaste-me a mim e desgraçaste a minha filha” — Uma questão fortuita originou a descoberta do espantoso crime

As gangrenas do Pôrto, repugnantes e hediondas, germinam silenciosamente na luz perversa da sombra, onde fermentam os dramas duma cidade que tem a voluptuosidade sádica de ocultar as misérias e vícios, escondendo as suas aberrações viscosas e as suas tragédias inacreditáveis, numa estranha e inconcebível expressão de fatalismo que, como um monstro pré-histórica, devorando as suas próprias entranhas. Mas este cenário grandguinolêsco de crimes monstruosos, tragédia oculta, é uma grande realidade que como uma visão tétrica se reflete no espelho fictício da cidade.

Há perdão para os homens que num momento de fraqueza de espirito, numa alucinação, cometem um homicídio. Mas, por certo, não poderá jamais havê-lo para aquêles que olvidando todos os seus deveres mais sagrados, esquecem que têm na sua frente uma inocente criança que é sua filha, para cevar nela os seus instintos de feras humanas.

Esses homens que vivem sem um coração que albergue em si o sentimento paternal e sobretudo o brio do dever, esses que não tem um cérebro que os guie no caminho da honra, mergulhando numa loucura mórbida que os leva a deshonrar uma pobre mulher que teve a imprudência de amá-los, e ainda não satisfeitos lhe desfloram a filha, que é sua também, esses homens, que merecem?

Na fábrica de sêdas do Nogueira trabalhavam, António Gomes Morais de 38 anos, sua filha Maria Tereza de 15 anos e meio e a madrastra desta.

Ainda há poucos dias a jovem, viva e azougada, como tôdas as da sua idade, estava triste e meditada, originando uma pergunta duma sua colega a que respondeu distraidamente:

— Meu pai ameaça-me por eu andar

com «palas» no cabelo, mas se eu o «descubro» atravessa o oceano

E a pobre rapariguita que aparenta ter apenas doze anos, pois é tão franzina, tão debil, começou a chorar.

A colega que a-pesar-de ser também muito nova, é esperta e curiosa, estranhou a atitude da Tereza e inqueriu:

— Mas que tens tu? Que te fêz teu pai?

E, assim, de pergunta em pergunta, depressa todo o pessoal da fábrica foi sabedor dum crime repugnante.

O António Morais, durante ano e meio, e por cinco vezes, cevou na sua filha os desejos de bêsta-fera, tratando-a como à mais ignóbil das prostitutas, sem que, contudo, felizmente para a desgraçada rapariguinha a tivesse violentado, pois que segundo o exame médico-legal



Todo o pessoal da fábrica foi sabedor dum crime repugnante

a que foi submetida, simplesmente atesta escoriações.

Procuramos entrevistar a Tereza, que sabemos ter saído da fábrica para a casa onde sua mãe trabalha sem uma mácula, há perto de oito anos, e para ali nos encaminhamos.

Fomos recebidos gentilmente pela dona da casa a quem expressamos a nossa gratidão, e dentro em pouco deparava-mos com a Tereza e sua mãe Maria Tereza de Jesus, que à nossa primeira interrogação nos informou:

— Sou eu a mãe da Teresa e esposa do António Morais.

E perante a nossa primeira estranheza:

— Mas estou separada d'ele há uns doze anos, porque nunca nos demos bem devido às amantes que êle tinha. Por falta de recursos os anos foram correndo sem que eu tratasse do divórcio, do qual agora está tratando o meu patrão. E a nossa filha ficou a viver ora com os avós, ali em Anselmo Brancamp, ora com o pai e a madrastra que, segundo afirmam por aí, é muito boa pessoa e foi a primeira a horrorizar-se quando soube que o António fizera «isso» com a filha, enquanto ela confiada, o que aliás era muito lógico, ia para a Ribeira ou fazer compras.

E à nossa interpelação, — Por que é que a sua filha nunca a avisou do que estava ocorrendo com ela? Foi a própria rapariga quem respondeu com o ar mais inocente d'este mundo, completamente alheada do horrível e vergonhoso perigo a que estivera exposta:

— Meu pai ameaçava de me bater muito, e em compensação se eu não dissesse nada, dava-me sempre dinheiro.

A pobre mãe a chorar diz-nos: Parece impossível que aquêlê homem não contente em desgraçar-me, quizesse fazer o mesmo à filha. Merece o castigo de Deus e dos homens!

Despedimo-nos da alanceada mulher e dirigimo-nos à rua Anselmo Brancamp, a casa dos avós da rapariga. Ali falamos com a tia dela de nome Maria Luíza, que estava indignada com o infame procedimento do Morais, e que nada mais adiantou ao que já sabíamos.

Sabemos que o António Morais está no Aljube e, infelizmente, alguém nos informou de que se pede a liberdade daquele homem, que aos nossos olhos e aos das pessoas sensatas, merece um castigo exemplaríssimo pelo seu procedimento infame, tão monstruoso.

Estamos convencidos que as autoridades não se deixarão influenciar por pedidos de qualquer espécie, pelo que aguardamos os acontecimentos, certos de que justiça será feita.

ADALBERTO RIBEIRO

Os crimes do capitalismo americano

A tragédia dos mineiros de Harlan

(Conclusão)

(A narrativa do seu rapto, feita por ele, os depoimentos feitos pelas inumeráveis vítimas desta prática policíesca, são tópicos: sentimos não poder inserir alguns extractos).

Deste modo, notícia alguma transpirava do Kentucky. As gazetas locais, a soldo das Companhias, tripudiavam: «Tem havido paciência de mais com os homens e mulheres presas em Harlan, escrevia o *Gazette-Courrier*, de Mr. Sterling, quanto mais depressa fuzilarem essa canalha, tanto melhor para os Estados-Unidos. Deporrem-nos! Ponham-nos em frente dum bom pelotão de execução! Presos para quê? O único lugar que lhes compete é debaixo da terra, a seis pés, entre quatro tábuas de pinho».

A Comissão Dreiser e a Delegação Waldo-Frank

Em outubro de 1931, alguns écos do terror no Kentucky chegaram ao grande escritor Teodoro Dreiser. Decidiu então fazer um apêlo a umas vinte personalidades reputadas nos Estados-Unidos pelos seus sentimentos de humanidade ou amor à justiça, pedindo-lhes que o acompanhassem numa viagem de investigação ao Kentucky.

Por uma curiosa coincidência os senadores, professores e publicistas convocados acharam-se repentinamente doentes ou retidos por compromissos. No entanto encontrou sete escritores assaz corajosos para emprender uma cruzada que ameaçava ser perigosa. Foram: John Dós Passos, Charles Walker, Bruce Crawford, Adelaide Walker, Samuel Ornitz, Lester Cohen e Melvin Lévy.

Em Novembro de 1931 puseram-se a caminho, com Teodoro Dreiser à frente, desembarcando primeiro em Pineville, no Condado de Bell.

Quais os avatares e ensinamentos dessa viagem, contaram no Dreiser e os seus amigos num livro muito substancial, no qual se acha condensada uma edificante documentação. Espiados, seguidos, ameaçados, foram expulsos do Estado à força e acusados de «sindicalismo criminoso»; com efeito, esforçaram-se por pôr a nu a verdadeira situação dos mineiros de Harlan e denunciavam à opinião pública americana os crimes da oligarquia carvoeira e o regimen de terror imposto por ela. A fim de desacreditarem Teodoro Dreiser, os magistrados do Kentucky acusaram-no também de «adultério» pretextando que uma mulher tinha trans-

posto o limiar do seu quarto de hotel...

Um pouco mais tarde, uma segunda delegação de escritores, médicos e publicistas, à frente da qual se encontrava Waldo Franck, o bem conhecido escritor americano, decidiu ir distribuir víveres aos mineiros esfomeados. A constituição americana permite a todo o cidadão americano prestar socorro aos seus concidadãos: poder-se-ia em Harlan, fazer uso dos direitos outorgados pela Constituição?

Waldo Franck citava nos seus principais artigos:

«Todos os homens são por natureza iguais e livres. Todos gozam de direitos imprescritíveis que podem inumerar-se deste modo! Direito de comunicar e disseminar as suas opiniões e ideas, direito de se associar, de reunir e pôr em comum os meios de subsistência, direito de apelar para as autoridades responsáveis quando um estado de coisas lhes é prejudicial, liberdade de palavra, liberdade de imprensa. Todo o homem pode livremente falar, escrever e fazer imprimir os seus escritos seja sobre que assunto for».

Desejava ele verificar de que maneira eram respeitados tais artigos.

Chegada a Peneville, a expedição, seguida de camiões de víveres, foi recebida pela polícia, vinda ao seu encontro. Ciosa de observar tôdas as formalidades, solicitou das autoridades permissão de distribuir víveres aos mineiros. Depois de muitas conferências, foi concedida tal permissão, mas com a condição de a distribuição ser feita fora da cidade e não ser pronunciado qualquer «dito incendiário». «E se um polícia impedir um operário de receber a parte que lhe toca, se esse operário constatar o facto será isso tomado à conta de «dito incendiário»? — Sim, respondeu o

attorney do condado, tomaremos isso à conta de dito incendiário».

Avisaram-se os mineiros de que lhes ia ser feita uma distribuição. Chegaram em massa, logo cercados de thugs e de gunmen; para não ser acusada de pronunciar «discursos incendiários», a pequena delegação deixou que os próprios operários descarregassem os camiões. Porém, apenas aquela deixou o local os policias sacaram dos revólveres, repeliram os grevistas e... dividiram os víveres entre si. Na noite seguinte, Frank, os amigos deste e um advogado dos operários presos, Allen Taub, eram arrancados dos quartos do hotel e «taken for a ride» pelas notabilidades da cidade (proprietários de minas, alto pessoal mineiro, directores de jornais) e oficiais de polícia. Conduzidos a um sítio deserto, espancados a golpes de matraça, linchados bárbaramente, tentaram fugir; perseguiu-os uma revoada de balas, pontuadas de sarcasmo: «Quem quer, fazer um discurso sobre o exercicio dos direitos constitucionais? Então, inda voltareis ao Kentucky?» Waldo Franck, atingido por uma bala, ficou gravemente ferido; os companheiros, desfigurados, de queixos partidos, ficaram cobertos de chagas.

Uma nova delegação, esta de estudantes, dirigida pelo director dum colégio, Luciano Kock, que foi para distribuir socorros aos grevistas do Kentucky mal chegou foi «taken for a ride» e conscienciosamente espancada.

A prisão perpétua ou a cadeira eléctrica

Sinistra repressão desaba sobre os iniciadores do movimento sindical e todos aqueles que tomam a peito defender o «direito à vida» dos mineiros.

Em 31 de Maio último, iniciou-se o processo dos 43 acusados de Evarts, entre os quais se encontram 27 mineiros sindicados. Acusados de assassinio e de tentativa de assassinio, correm o risco da cadeira eléctrica ou da prisão perpétua. Além disso 63 homens e mulheres (mineiros na maior parte) são julgados por «sindicalismo criminoso». A hora em que escrevemos estas linhas, estes processos prosseguem ainda. Seis mineiros entre os quais W. Jones, Hightower, (77 anos), Chester Poore, W. Hudson, Elzie Phillips (valeroso militante negro), e Jim Reynolds, unicamente acusados de propaganda sindical já foram condenados a prisão perpétua. Sobre os outros chovem anos de prisão. Quando



...se o vosso trabalho de forçados vos não dá para viver...

(Conclui na página 14)



Audácia

Folheando a história dos povos e percorrendo o relato dos acontecimentos que os conduziram a situações e condições um pouco mais justas e humanas, verificamos que a audácia foi sempre, nas mãos firmes dos pioneiros das minorias, a poderosa e invencível alavanca.

Se não fora ela, a humanidade ainda marcaria passo para lá do feudalismo.

E deveu-se sempre às minorias o empreendimento generoso e arrojado dessas conquistas do espírito humanitário sobre o espírito egoísta.

As maiorias, indolentes e comodistas, contemplativas e incapazes de mover uma palmeira, limitam a sua acção a palmeares ou apupar os que trabalham no tablado.

Muitas vezes é tragédia feroz de emoção, e as maiorias ficam como que pregadas nas suas cadeiras de esportadoras, num pasmo imperturbável. Não se ouve uma palavra, um gemido; essa gente parece que não respira, que morreu toda de estupefacção.

E nessas ocasiões que as minorias levam avante a sua obra, sem dificuldades nem estorvos, como que hipnotizando a outra gente com o arrôjo dos seus gestos.

Mas, quando não deixam os seus cadáveres nos campos da batalha, a única recompensa que elas podem desfrutar será a dos louros da vitória engrinaldando as frentes dos seus heróis; quanto ao fruto sazoadado, à colheita da sua prodigiosa sementeira, geralmente não são as minorias que lhes saboreiam a doçura nem aproveitam a substância: isso fica intacto e reservado para a maioria inerte que nada fez e tudo colhe.

E é essa mesma maioria que, mais tarde, sobre as campas dos mártires aureolados por um nobre desinteresse que ela nunca seria capaz de atingir, vem lançar críticas, labéus e insultos, a propósito das suas tarefas e dos seus esforços, cujas vantagens resultantes não deixa de gozar.

Mas o pior é que essas críticas, êsses labéus e êsses insultos, cuspidos por alguns elementos representativos da maioria (que considero uma espécie de terra-de-ninguém da opinião), vêm germinando uma nova minoria turbulenta a estovada, sem a eloquência da verdade que guiava os passos das precedentes e as arrastava a temeridades heróicas em prol da humanidade, que vai conduzir esta nau antiga a perigosas paragens.

Esta outra minoria, avelando máscaras convenientes, tomando por caminhos tortuosos, vesgos, lá marcha de gládios no ar, derramando em vez do sangue do déspota o sangue do libertário.

Estabeleceu-se o espírito de contradição. Decretou-se a necessidade de arripiar o caminho percorrido por muitas gerações emancipadoras. Taxaram-se de erros os actos cometidos, a obra realizada por êsses gloriosos lutadores. E de ânimo leve, sem mais considerações, vá de entrar a roda que avança e obrigá-la ao recuo dos séculos.

E pela mão da audácia vemos ressurgir das trevas dum passado longínquo como

(Conclui na página 13)

Cinzas da Rússia Czarista

A tragédia dos potentados russos que vivem, actualmente, na miséria

NÃO é paradoxo conceber-se a ideia de que a revolução bolchevista, com aquela febre de destruição que galvanizou os cérebros escaudantes dos oprimidos pela autoocracia do czar, creou um novo mundo de desiludidos, — reduzindo a pó, esmagado juntamente com a exteriorização de um ódio profundo, tudo quanto poderia subsistir ao czarismo.

Surgiu, como era de prever, a emigração, a miséria, — e as figuras representativas da faustosa corte da Rússia dispersaram por todo o mundo num desfile miserável e impressionante, afugentadas pelo sopro bolchevista que as arremessava para a agonia no destêrro.

O drama da revolução e do êxodo coleciona emoções e mistérios ignorados.

Ultimamente, a sr.^a Knowling, filha

Quando da queda do Império do Czar, Lloyd George opôs-se a que Nicolau II se refugiasse em Inglaterra? — O livro da Senhora Knowling — Sachno Ustimowitch, o ca-

dente, com desmedida solicitude, respondeu às evidentes afirmações da filha de George Buchanan. E, assim, com um sangue-frio inflexível, disse, referindo-se ao facto, «que não se recordava bem do que, afinal, havia sucedido, mas que, se a vinda do czar russo para Inglaterra lhe tivesse sido proposta em tempo devido, protestaria da mesma maneira, visto que, nessa altura, o governo que êle chefiava pretendia con-

vencer Kerensky para que o exército russo continuasse batalhando ao lado dos aliados contra a Alemanha, e que, portanto, a vinda do czar para Inglaterra só poderia ter prejudicado tais negociações»...

O êxodo dos potentados russos afugentados da sua Pátria pelo perigo vermelho encerra verdadeiros motivos de mistério e enigma quer, não só, pela existência miserável que, actualmente vivem os prin-

cipais personagens duma corte autocrata destruída, como também, pelo novelesco que encerra a fuga mais comovente, mais impressionante desses potentados.

Extraindo do livro *Lo que ha quedado del Império dos los Zares*, de M. Chaves Nogales, as fotos que ilustram êste artigo, vemos o garboso capitão cossaco Sachno Ustimowitch, ostentando, vaidosamente, o seu uniforme russo, não lhe perpassando pela imaginação que, anos depois, sacudida a Rússia por uma revolução que o havia de atirar para a Alemanha, era forçado, para poder viver, de se humilhar ante as ordens severas do mais afamado confeitiro berlinense, onde viria prestar os seus serviços como modesto empregado e humilde pasteleiro.

Antes da revolta, o comandante Fuus

pitão cossaco que, hoje, é o mais humilde pasteleiro de Berlim — M. Gleboff, ex-dama da corte, presentemente comparsa nos estúdios da U. F. A.

comandava com galhardia os regimentos de ulanos de Nicolau II e foi, durante a guerra, um dos mais brilhantes chefes militares do Império.

Presentemente, após o triunfo dos soviets, ei-lo refugiado na Alemanha, trabalhando numa fábrica de cigarros, onde ganha penosa e insuficiente a sua vida de nostalgia...

A miséria não atingiu, somente os nobres do Império. A senhora Gleboff, dama da corte, que havia contraído matrimónio com um aristocrata e gentilhomen de Sua Magestade; que possuía joias de incalculável valor e trajes de gala que assombravam os admiradores da sua extraordinária beleza, — não visionava um futuro angustioso que a havia de lançar para os estúdios da U. F. A. onde, como simples extra, ganha, às vezes, uns míseros marcos com que sustenta a sua miséria, mercê dos faustosos trajes que a auxiliam na interpretação dos seus papeis.



Alexandre Polensky, um dos mais célebres actores da opereta — nos tempos do Império... e actualmente servindo numa cervejaria da capital alemã

De lança em riste

fantasmas os preconceitos e iniquidades que a espada da Revolução parecia ter sepultado para todo o sempre.

E que os partidários do passado só agora descobriram o segredo da vitória dos seus adversários. Só agora verificaram o papel importante que a audácia desempenhou na sua derrota. E querem por meio dela voltar à primeira forma, derrubando e anulando toda a construção que sobre as ruínas foi feita.

Esquecem-se no entanto dum factor importante e primacial, sem a qual a audácia mais temerária não pode assegurar seu triunfo momentâneo: a Justiça, deusa, onipotente que nunca perdoa aos infieis.

D. QUIXOTE.

Todo o pitoresco e romântico do romance de Chaves Nogales reside na expressão vívida dos personagens que nos apresenta; e o grande escritor, que visitou os domicílios dos gran-duques sobreviventes; os armazens onde se empregam as princesas destronadas; que viajou em «taxis» conduzidos por antigos coroneis da Guarda Imperial, — descreve com verdadeira emoção, todo o drama empolgante da revolução e do êxodo, revivendo com excepcional vivacidade a odisséia tétrica dos expatriados russos...

A tragédia dos potentados que vivem, actualmente, na miséria é triste e arripiante. Evocá-la, é reviver uma época de terror, salpicada de sangue e mistério, que confrange e dilacera quem a escuta.

Ronda Semanal

JUDEUS...

COM a campanha anti-semita, na Alemanha, todo o mundo culto e civilizado tem vibrado de justa indignação.

Os semitas, têm sido alvo das mais abjectas perseguições, sem que se tenha em conta o seu valor, a sua inteligência, emfim, os benefícios que aduzem para a Alemanha, conservando-lhes as regalias que disfructavam como cidadãos livres.

¿Será suficiente um ódio inexplicável de religiões, para justificar essa perseguição?

¡Não. Não é!

Como é notório, uma grande parte dos principais cargos de aquêl pais, era desempenhado por judeus; cujas qualidades eram bastante apreciadas... antes de Hitler ser nomeado chanceler e encetar tão odienta campanha.

São os médicos, os advogados, os catedráticos semitas, agora olhados com desconfiança muito embora, nas veias da maior parte deles, gire sangue alemão.

Podrá esta violência descabida e longe do bom senso ajudar a levantar o Reich?

¡Alemanha, desperta: brada Hitler. Mas dir-se-ia que êle, na sua desmedida ambição, acordou o país do sonho pacato em que se encontrava, para lhe relembrar instintos que estavam adormecidos, para lhe apontar um caminho imperialista e arrogante!

E, de aí... falta saber as suas conseqüências, embora se possam calcular.

Os apóstolos da paz, têm sustentado uma luta sem tréguas contra o imperialismo militar. ¿Mas, quantos de êsses apóstolos não trabalham por descargo de consciência, sabendo que todos os seus esforços podem resultar inúteis de um momento para o outro?

A Alemanha quer agora, pela voz privilegiada do seu chanceler, as colónias de que ficou despojada após o Armistício. ¿Tê-las-á? — ¡Dúvidamos! Quere, igualmente, o direito de armamento, equiparado com o das outras potências.

¿Ser-lhe-á concedido êsse direito? Mesmo que não seja, o resultado é o mesmo, porque, clandestinamente, já ela estava armada. Isto explica somente que a Alemanha, fazendo esta exigência, pretende justificar o armamento que tem... e que não é reduzido.

As fábricas de munições trabalham ininterruptamente; os laboratórios forjam novos gases; o espírito militar dia a dia mais se acentua.

¿Que caminho temos de seguir em um futuro próximo?

¡Todos o calculam!

Oscar Sant'Ana

RUY DE LUCENA

Correspondencia

Toda a correspondência sobre assuntos da redacção, administração e publicidade, deve ser dirigida a Edições X, L.^a, rua de Sampaio Bruno, 12-5.^o — Pôrto.

o veridictum não convém aos «reis do carvão», recomeça o processo sob uma acusação diferente. Assim sucedeu com Fred Bratcher, julgado três vezes, mas que felizmente acaba de ser absolvido.

Que dizer da justiça do Kentucky? Simples factos pintá-la-ão muito melhor que todos os comentários: quando se trata de prisioneiros considerados como «cabecilhas», o *sheriff* Blair e o juiz Jones, usando do seu poder discricionário dão ordem para que sejam citados para um Tribunal, situado a 200 ou 300 quilómetros de Harlan, num distrito onde a velha hostilidade de «os da planície» contra «os da montanha» se manifesta ainda, e onde, por falta de dinheiro para pagar viagens e despesas de estadia, ficam os acusados na impossibilidade de fazer ir as suas testemunhas. Em lugar de serem tirados à sorte como prescreve a lei, os júris são cuidadosamente seleccionados entre os netos dos grandes proprietários de escravos, ricos plantadores de tabaco, criadores de cavalos, inimigos e depreciadores dos operários. Um verdadeiro terrorismo é posto em prática contra as testemunhas de defesa. Assim, no processo Bratcher, foram presas oito testemunhas à saída da audiência por terem deposto a favor de Bratcher. No desfecho do processo Jones, cinco testemunhas tiveram a mesma sorte. Só contam os depoimentos, mesmo indirectos, dos «thugs» e dos «gunmen».

No processo Hightower, o juiz rewitt interdissu o acesso na sala ao redactor do quotidiano dos arredores porque, na véspera, esse jornalista permitia-se emitir o seguinte juízo:

«Todo o homem de boa fé que acompanhou o processo Jones tem direito a perguntar se ele não foi condenado a prisão perpétua pelo simples facto de ser um dirigente operário».

Emquanto a sombra da cadeira eléctrica se perfila sobranceira aos seus defensores, a multidão dos mineiros de Harlan aguarda angustiosamente, cerra os punhos, sente-se animada de sombrias resoluções. A noite, na terra sangrenta do Kentucky (sempre tão sangrenta como outrora), quando os *gunmen* patrulham através dos campos, que mais parecem campos de batalha do que aldeias, ouve-se ressoar uma canção pungente. É a canção da Mulher do Mineiro:

«É noite. Ó que tristeza!
Já não nos resta um centavo!
Não comeremos esta noite:
Sou a pobre mulher do mineiro.
Quando o meu homem está na mina,
Cava, corre, carrega vagões,
Mas quando vai buscar a paga,
«Nada tendes» lhe respondem.
Nada tem! Nada! Nada!
Para nada então trabalhou?
Para pagar o óleo da lâmpada,
E para encontrar a mulher
De cabeça baixa,
Coberta de Andrajes e descalça,
Mandando calar os pequeninos
A quem a fome faz gritar.
Não tendes pão, filhos meus,
Nada tendes que comer,
Nada tendes que cobrir!
Não julgais que é uma história,
Não julgais que é uma canção,
É verdade tudo isto:
É a vida da mulher do mineiro.
Ouvi, amigas e camaradas, ouvi um conselho
de amiga:
Se o vosso trabalho de forçados vos não dá
para viver,
Nunca mais desçais à mina!
Não toqueis mais no carvão!»

MAGDELEINE PAZ

O Nacional - Sindicalismo em foco

Um pacto e um compromisso — Sua Majestade El-Rei D. Duarte II — Poeira, muita poeira — Falam os nacionais-sindicalistas e isto vai por Deus...

A FIRMEI na última crónica que o nacional-sindicalismo era uma partida dos integralistas. E, vistas as coisas pelo seu devido prisma, não me enganei.

Isto vai tudo de um pouco de visão e de um pouco de consciência. Só quem não quer ver, só quem traz poeira nos olhos, só quem desconhece as mais elementares regras da razão, é que pode supor que o nacional-sindicalismo é uma corrente política sem afinidades com o integralismo ou com o legitimismo. É grande a inconsciência e só assim se explica que o nacional-sindicalismo possa arremeter alguns milhares de pessoas, na sua maioria ignorantes em política. A atracção reside na *camisa azul*, na própria audácia dos neo-messias. Os banquetes, o aparato, as atitudes e as promessas mirabolantes desses neo-messias, desses neo-cavaleiros andantes, são o retumbante chamariz, o estranho hipnotismo que conseguem atrair a multidão indecisa, desorientada. Não sabe essa multidão para onde caminha, não conhece o labirinto político onde se meteu. Foi unicamente seduzida pelos banquetes, pelo barulho, pelo chinfrim político dos hábeis nacionais-sindicalistas, pelas afirmações *proletárias* da guarda avançada do capitalismo.

Mas os nacionais-sindicalistas guardam curiosos segredos diplomáticos... Toda a gente sabe, e se não sabe é porque não quer ou não tem memória, que existe um pacto, creis que conhecido pelo *pacto de Paris*, e ao qual os agora nacionais-sindicalistas e ex-integralistas, ex-legitimistas, prestaram o seu compromisso de honra. Esse pacto é a proposta da candidatura real do sr. D. Duarte Nuno. Compreendem o resto...

Eu creio na sinceridade *mondruca* dos chefes nacionais-sindicalistas, isto é, não os julgo capazes de faltarem a um compromisso.

E demais, está bem patente na *Revolução* a lealdade monárquica daqueles chefes. Ainda há dias aquele jornal, falando do descendente de D. Miguel I, dizia pomposamente: *Sua Majestade El-Rei D. Duarte II...* Se não fosse verdade poderia supor-se ironia. Mas é verdade, uma verdade talvez amarga para muitos, sobretudo, para aqueles que foram arrastados por inconsciência ou por demasiada fé nas palavras.

O ilusionismo e o malabarismo estão aludados aos singulares arautos do nacional-sindicalismo. Todos os triunfos, todas as possíveis derrotas pertencerão aqueles dois jogos...

Conheço muitos nacionais-sindicalistas. Encontro-os geralmente no café ou noutros recintos de cavaco. Quis o acaso que me encontrasse com três aderentes desconhecidos. Um vinha do alto Minho, outro estuda na Universidade e outro pertence ao ramo do *comes e bebes*. Dei corda ao primeiro e lá veio a esperada resposta:

— Tenho muito orgulho de ser nacional-sindicalista. E sabe porquê? Porque na minha terra sou o Chefe. Quando quero

saio com o meu grupo uniformizado para arrelhar o chefe democrático da minha parvónia... (verídico).

O universitário, que tinha corda permanente, afirmou:

— Sou nacional-sindicalista porque sou português. Temos um programa de realizações absolutamente nacionalistas.

— Quais?

— O estabelecimento do salário mínimo; a sindicalização das classes; a disseminação do cooperativismo; a protecção ao velho e ao inválido, enfim, a reforma da velha orgânica do Estado... E se alguma resistência nos oferecerem empregaremos a violência. Porque quem não for nacional-sindicalista não é português, e portanto, é-lhe negado o trabalho, o pão...

— E politicamente?

— Isso não nos interessa (?).

O terceiro, do ramo *comes e bebes*, respondeu:

— Sou nacional-sindicalista porque me cheira a pancada. Amo esse belo *sport* e amo a Deus e à minha Pátria.

E consigo gente, arranjo aderentes.

— Como?

— Ou lhes mato a fome ou lhes evito despesas...

Dois, três, quatro dias e a lista enche-se. Isto vai por Deus.

Parecer-lhes-há meus caros leitores, que isto vai a modos de *blague*. Mas não. É o retrato fiel dos nacionais-sindicalistas. Para fazerem triunfar (?) as suas ideias medievais, os nacionais-sindicalistas recorrem a uma campanha surda, isto é, escondidos ao silêncio da sua actividade. Nem todas as consciências, nem todos os *conversados*, se convencem das ladainhas de *isto vai por Deus*. E uma cantilena litúrgica sem atractivo. E vejam, se mais longe não querem ir, as manifestações académicas. São admiráveis demonstrações de superioridade mental. A realidade de hoje e as possíveis realidades de amanhã, são a preocupação lógica, inteligente e superior dessa mocidade escolar que não admite, não tolera uma política de cadáveres, de sombras, de hipóteses, de insuficiências. A verdade — verdade limpa e iluminada — pertence-lhes tanto como os cadáveres pertencem aos nacionais-sindicalistas, ex-integralistas e ex-legitimistas sob o signo do sucessor de D. Miguel I!...

OCTÁVIO PINA.

Tom Mooney absolvido

À última hora recebemos a informação da absolvição do militante sindicalista Tom Mooney, cujo martírio os nossos leitores conhecem. Diante da ardente campanha que teve lugar após a sua prisão e a indignação que ia aumentando cada vez mais, a justiça americana acaba de reconhecer o **seu erro**. Durante dezasseis anos, a justiça americana deixou sofrer nos seus carceres um homem que sabia inocente.

de o (Libertaire)

Homens & factos do dia

(CONCLUSÃO)

meia duzia de amigos ou ante uma beldade, incapazes de escrever uma linha com gramática ou sequer com ortografia — mas endinheirados e generosos. Quantos livreiros, quantas versalhadas, quantos pensamentos — não se linotiparam, encabeçados pelo nome do sr. Fulano ou Beltrano — e que foram feitos, por enoxada, pelo pobre Horácio!

... Conheci-o já na decadência — ou seja no apogeu do seu anonimato — disse eu... Devia orçar pelos quarenta; e do antigo esplendor de guarda-roupa — restavam apenas umas ruínas quasi pretenciosas! Nunca o vi sem ser de fraque, um plastron flamante ao pescoço; de côco, polainas e luvas; — e no inverno envergando uma peliça de lord inglês! Mas o fraque estava coçado, reluzente de nódoas e de gazolina; o plastron num fio; a camisa de seda um bordado de costuras; as polainas enxadrezadas, descoloradas e rötas; o côco — uma reliquia amalgada e gordurenta; as luvas amarelhadas e encardidas! E contudo, como se não tivesse espelho ou como se vivesse num eterno sonambulismo — a sua altitude mantinha a nobreza altiva dum gentleman de Piccadilly; os seus olhos miopes enfrentava a multidão, num tom superior de quem se julga imponente; os seus ombros roçavam os outros ombros, mesmo dos elegantes mais ajanotados — como os de um general ao passar por um galucho que êle não quer ver para evitar o incômodo da continência! E nos lábios depreciativos fumegava sempre, dia e noite, um resto de charuto pelintra — a mais teimosa, e constante das saudades do seu antigo e rápido esplendor, a saúde dos seus charutos caros, do tempo do consulado.

Da vida que êle fazia, onde escondia a sua existência de solitário pensativo e sonhador — pouco posso dizer! Via-o farandolar, de madrugada, pela avenida; espreitava-o, de noite ou de manhã cedo, em leitarias discretas, modestas e distanciadas do centro — a brasa da rabeta a avermelhar-se, entre os lábios, frente a um cálice de bagaço, debruçado sobre a papelada em que rabiscaava velozmente as cartas abertas ou os sonetos encomendados — e depois sumia-se para só reaparecer em conflito ruído e birrento com um policia que prendia uma cocotte ou com o porteiro dum café que proibisse a entrada a um vendedor ambulante...

Uma das notas mais pitorescas da sua existência, era a sua popularidade entre tôdas as trottenses da capital, entre tôdas as pobres mariposas nocturnas do amor venal... Mas não julguem que essa popularidade era reflexo do seu doloroso ridículo de elegante pelintra, de pretencioso tenório sonhador e caricatural, que se manifestava em chacota cruel ou disfarçada. Não! Pelo contrário: era tôda respeitosa, humilde, admirativa — mais filial do que amorosa!

Mais duma vez testemunhei essa populari-

dade quando ele me acolhia ao seu lado, no seu vai-vem silencioso pela avenida, altas horas da noite! Tôdas as pobres trotteuses à busca de uma ceia ou de umas moedas — ão reconhecerem-no o saudavam, numa vênica humilde, atenciosa e tímida:

— «Bóas noites, sr. Perestrelo!»

Algumas viuham em ranchadas buliçosas, gargalhando, com escândalo e como que anesistiando na loucura e no ruído, a sua própria miséria... Mas havia uma que avistava Horácio; e logo se silenciava e acotovelava as outras para que se calassem também; e aconchegavam os abafos; e acertavam o chapêu — dir-se-ia temendo que Horácio as repreendesse!

— «Bóas noites, sr. Perestrelo!»

E quedavam-se mudas, espedadas a seu lado, de olhos fitos nos olhitos miopes de Horácio, como que aguardando uma ordem, um aceno, uma palavra... Ele erguia a mão direita, empunhando as luvas encardidas, e sem um sorriso, apenas com um tremelicar de pálpebras, respondia: — «Bóas noites, Alda... Bóas noites, Joana... Bóas noites, raparigas!»

Alda, Joana, Beatriz — êle sabia os nomes de tôdas elas! E continuava a calcurrear a avenida — enquanto elas se quedavam espedadas, a segui-lo com a vista — numa extase contemplativa, tímidas e ternas! Ê que Horácio Perestrelo representava para essas desventuradas e fanadas flores da noite e do amor venal — algo como um símbolo, um fantasma aureolado de luz daquele romântismo que também as perdêra e as desgraçara!

Era teimoso — até à birra, este pobre sonhador fracassado! E morreu duma teima — dizem-me...

A decadência acentuou-se afitivamente com a velhice! Roêra-se por tempo — à força de calar as suas amarguras ou a glória da sua derrota... Andava achacoso, minado por doenças graves... Ante-ontem estacou a meio do seu vai-vem, na avenida, esboçou um gesto, abafou um grito — e caiu, redondo, sobre o passeio. Só voltou a si, no Hospital. Os médicos diagnosticaram uma crise aguda que exigia uma operação cirúrgica imediata! Êle bem sabia que era assim; que só assim podia salvar-se — e talvez não quisesse ainda morrer! Mas nem sob a ameaça da morte transigiu — deixou o pretexto de discutir, de contrariar — de teimar! E teimou com tão insolente frieza e altivez, que os cirurgiões, cansados e aborrecidos, encolheram os ombros e afastaram-se do leito... Horácio então pediu para que fôsem buscar, na manhã seguinte, um pijama — outra reliquia remendada do seu antigo enxoval de consul; tateou na mesa de cabeceira a ponta do seu eterno e reles charuto; aspirou duas fumaças — inclinou a cabeça — e soltou o derradeiro suspiro, entre bocejos dos enfermeiros sonolentos e mal humorados por êle vir morrer ao hospital a uma hora tão imprópria...

REPORTER X.

Tranquibérnias na A. de Espinho

Por motivos de força maior, fomos obrigados a retirar êste artigo, devendo contudo, ser publicado no próximo número. Contendo algumas revelações interessantes, está sem dúvida, destinado a um grande êxito.

Êste é o motivo, porque a capa dêste número, não trás um artigo a justificá-la.

“DIÁRIO DA NOITE”

Êste brilhante paladino da República, que o distinto jornalista Paulo Freire, superiormente dirige, teve a gentileza de transcrever num dos seus últimos números, o artigo do nosso colaborador «D. Quixote», subordinado ao título «ROLÃO NEGRO».

Agradecendo a sua gentileza, aproveitamos a oportunidade, para lhe apresentarmos os mais cordeais protestos de solidariedade.

A CARAVELA

Ê grande a crise que se atravessa, mas há, a compensação de podermos ainda encontrar comerciantes honestos e conscienciosos como para exemplo citamos o nosso amigo Luis A. Barata L. Carvalho, que no seu modelar estabelecimento denominado **A Caravela**, sito à rua de Cedofeita 78-80, a todos atende com solicitude e honestidade, caprichando por bem servir quer nos gêneros de mercearia fina que ali se encontram, como nos especiais vinhos que êsse nosso amigo, compra directamente.

Luis Barata, possui longa prática adquirida em terras de Santa Cruz, e por tal motivo conhelendo afundo o ramo de cafés, resolveu deliciar os seus presados clientes com especial **Café Caravela**.

Na sua secção de restaurante encontram-se a qualquer hora as melhores refeições por preços acessíveis, convido destacar a célebre **Frijoadá à Brasileira**, prato especial da casa, tôdas as Quintas-feiras, e que nós recomendamos aos nossos leitores.

R. do Amparo, 51 — LISBOA
LOTARIAS

Atende prontamente todos os pedidos da Província, Ilhas e África, desde que sejam acompanhados da sua importância em notas, cheques, vales, selos, prémios ou quaisquer valores de fácil cobrança.



EUROPÊA

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1922

SEGUROS DE INCÊNDIO
SEGUROS MARÍTIMOS
SEGUROS DE CAUÇÕES
SEGUROS DE AUTOMÓVEIS
SEGUROS DE ACIDENTES DE TRABALHO
SEGUROS DE ACIDENTES INDIVIDUAIS
SEGUROS DE ROUBOS E DE TUMULTOS
SEGUROS DE RESPONSABILIDADE CIVIL
SEGUROS DE MERCADORIAS E BAGAGENS EM
SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

SEDE EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 64, 1.º — TELEFONE, 20911

Representada no Pôrto pela firma: — JOSÉ DA SILVA REIS & C.ª, SUCESSORES

Rua da Fábrica, 5 — Telefone, 631

“L’INVIOLEABLE,,

SOLDA-PAPEL

Notas de Banco, folhas de livros,
manuscritos, partituras, discos
de gramofone, etc., etc., tudo será
reparado com L’INVIOLEABLE



Devido à sua absoluta trans-
parência L’INVIOLEABLE
deixa os textos tão legíveis
como antes da sua aplicação.

L’INVIOLEABLE não é uma cola mas sim uma SOLDA

Depositários gerais em Portugal:

REIS & C.ª EM C.ª (POR ACÇÕES)
PAPELARIA REIS

150, Rua das Flores, 160 — PORTO

Preço
9\$50
CADA TUBO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA